

EVOLUÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA RUSSA E O MÉDIO ORIENTE

Henrique Alves Garcia

henriquemagarcia@gmail.com

Mestrado em Estudos Europeus pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal) sendo candidato a um Doutoramento em Relações Internacionais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Nova Universidade de Lisboa. Participou na 3ª edição do Curso de Verão sobre Desafios Globais no Instituto Universitário de Lisboa.

Os principais tópicos de interesse na investigação científica são: Federação Russa, Oriente Médio, política externa, questões geopolíticas, energia e terrorismo.

Resumo

A política externa russa demonstra linhas de continuidade e de mudança. A Federação da Rússia tem atuado em diversos palcos e, desde 2000 com Vladimir Putin, tem como objetivo principal consolidar o *status* da Federação da Rússia como um Grande Poder, com o propósito de conseguir 'regressar' à gloriosa era soviética. A maximização do poder e a busca de segurança interna são essenciais, pelo facto de existir um sistema internacional numa anarquia permanente.

O terceiro mandato de Putin, no qual este artigo sobretudo se foca, ficou marcado pela crise da Ucrânia e pela anexação da Crimeia, contribuiu para que a política externa russa sofresse um histórico ponto de viragem. As sanções ocidentais, devido à ocupação da Crimeia e à ingerência militar no Leste ucraniano, contribuíram para abrir um período de maior rivalidade entre Moscovo e Washington e, também, para a necessidade da Rússia dever diversificar as suas relações com economias emergentes como o Irão e a Turquia. O estudo constata que Ancara e Teerão têm um relacionamento histórico com Moscovo, apesar de alguns episódios e posições divergentes que, em alguns momentos, têm prejudicado as suas relações. A questão da Síria, a luta contra o terrorismo e o extremismo violento, os acordos sobre o petróleo e o gás natural e as relações com o povo curdo são alguns dos assuntos fundamentais nas relações do Kremlin, mais ou menos amistosas, com os Governos de Ancara e de Teerão também são mencionados neste artigo. Na última parte, reflete-se sobre o estado da política externa russa e das relações da Rússia com os atores regionais do Médio Oriente (Irão, Turquia, Arábia Saudita e os Curdos) e que desafios são apresentados à Rússia de Vladimir Putin na região.

Palavras-chave

Política externa; Realismo; Revisionismo; Federação da Rússia; Médio Oriente

Como citar este artigo

Garcia, Henrique Alves (2018). "Evolução da política externa russa e o Médio Oriente". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 9, Nº. 1, Maio-Outubro 2018. Consultado [online] data da última consulta, DOI: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.9.1.7>

Artigo recebido em 26 de Julho de 2017 e aceite para publicação em 11 de Setembro de 2017





EVOLUÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA RUSSA E O MÉDIO ORIENTE

Henrique Alves Garcia

Introdução

A Federação da Rússia tem atuado em diversos palcos e, desde a ascensão política de Vladimir Putin, tem como objetivo primordial consolidar o *status* de Grande Poder para 'regressar' à gloriosa era soviética. A preferência por uma ordem mundial multipolar baseada na soberania e na não interferência nos assuntos internos dos Países têm sido uma constante ao lerem-se os documentos e os discursos oficiais da política externa. O reconhecimento independentista à Ossétia do Sul e à Abkhazia ou as anexações da Crimeia e da base naval de Sebastopol constituem violação direta daqueles princípios soberanistas e da integridade territorial. A intervenção russa na Crimeia e na Ucrânia oriental (fevereiro-setembro de 2014), usando coerção e força para assumir o controle e desestabilizar os territórios de um Estado vizinho, é um desafio frontal à ordem regional europeia pós-Guerra Fria. A relação com o Ocidente alterou-se significativamente. As políticas 'duras' de Moscovo ali e o desafio a Washington fizeram da Rússia mais credibilizada no Médio Oriente. Com Putin, a guerra na Tchetchênia e o envolvimento na Abkhazia e na Ossétia do Sul bem como na Transnístria e Nagorno-Karabakh explicam-se pela necessidade em garantir a coesão estatal, expandir a sua influência e proteger-se contra os avanços ocidentais.

Os objetivos-chave deste estudo: conhecer brevemente a evolução da política externa russa, sobretudo desde 2000, e o estado do relacionamento de Moscovo com os Curdos, Ancara e Teerão. Na primeira secção deste artigo, identificam-se algumas das diferentes orientações de política externa russa bem como a sua evolução com os Presidentes que passaram pelo Kremlin desde o fim da Guerra Fria, avaliando o impacto da guerra com a Geórgia (2008) e da crise da Ucrânia (2014) na política externa russa. Na segunda, analisam-se as relações da Rússia com o Irão e com a Turquia, a evolução e tendência deste relacionamento e o posicionamento destes no Médio Oriente face ao problema curdo e ao reflexo da questão curda no Eixo Moscovo-Ancara-Teerão. Finalmente, reflete-se quanto ao relacionamento Moscovo-Ancara-Teerão-Curdos, a influência do problema curdo no Eixo Teerão-Ancara e os desafios russos no xadrez geopolítico do Médio Oriente. Este artigo baseia-se em literatura académica, nos documentos oficiais do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Federação da Rússia e do Kremlin, nos *media* russos e do Médio Oriente bem como no apoio dos Professores Mark N. Katz, Roy Allison e Licínia Simão e dos Doutores José Milhazes e José Manuel Félix Ribeiro.



1. A política externa russa: *breve evolução*

O papel dos líderes¹ sempre foi fundamental no processo de formulação e da decisão em política externa na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)² e na Rússia pós-soviética, devido à força do centralismo e aos traços autoritários característicos do sistema soviético. Apesar da constituição de um novo Estado, perdura a centralização do poder político que, na Rússia pós-soviética, tem acentuado uma forte personalização do poder (Freire, 2014, pp. 16-17). Este foi um elemento constante do Império czarista, da URSS e é-o da Rússia atual. Essa centralização de poder (re)confirmou-se com a eleição presidencial de Vladimir Putin para o terceiro mandato (2012).

A Rússia czarista e a URSS representam séculos de governação centralizada onde as linhas definidoras de democracia, num entendimento amplo do conceito, incluindo não só a participação popular em atos eleitorais, mas também questões de representatividade, direitos e liberdades individuais, nunca estiveram presentes (Freire, 2014, p. 31).

Mikhail Gorbachev é a figura central na transformação da URSS após o desencanto com a governação de Leonid Brezhnev e das curtas lideranças de Yuri Andropov e Konstantin Chernenko (1982-1985). Internamente apostou num curso reformista e, externamente, mostrou vontade de se aproximar ao Ocidente e abrir-se ao leste democraticamente.

Na Rússia³ da transição, a política externa refletiu os constrangimentos que as políticas russas enfrentavam internamente. O descontentamento geral relativamente ao processo de transição então iniciado por Gorbachev⁴ contribuiu para a vitória de Boris Yeltsin nas eleições presidenciais diretas em 1991. O primeiro Presidente russo, Yeltsin, tentou integrar plenamente o País juntando-se à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e forjando uma aliança direta com os EUA (Trenin, 2014, p. 9), mas rapidamente a política de abertura ao exterior e modernização deu lugar a tendências centralizadoras e controladoras.

Vladimir Putin viu a Rússia como um Grande Poder e procurou o reconhecimento ocidental⁵, ao contrário de Gorbachev e de Kozyrev, demonstrando a sua vontade de afirmação doméstica e em destacar-se nos assuntos globais.

2000 é o ano da viragem, após a saída anunciada de Yeltsin, e marca a ascensão de Vladimir Putin à presidência. Até 2008⁶, Putin através das suas políticas, assentes num pressuposto de multivetorialidade (2003-2004) bem delineado, consegue introduzir maior coerência à política externa (Freire, 2014, p. 34). Putin definiu a sua política externa adotando novos documentos que remetiam para alterações, por exemplo, ao Conceito de Política Externa. O Conceito de 2000, por exemplo, criticou a tendência de

¹ Os líderes, bem como o tipo de liderança que exercem, moldam a forma como é formulada a política externa e o comportamento dos Estados no quadro político internacional.

² A 25 de dezembro de 1991 a URSS foi oficialmente extinta. No mapa mundial surgiram assim quinze novas repúblicas, com claro destaque para a Federação da Rússia. O processo de transição iniciou um novo alinhamento histórico e alterações na política externa pós-soviética devido ao fim da Guerra Fria, à redefinição geográfica e à nova política e socio economia.

³ Ao longo deste texto são utilizadas aleatoriamente os termos Rússia, Federação da Rússia, Moscovo e Kremlin na referência ao mesmo País.

⁴ Nos últimos anos como líder soviético, Moscovo esperava um "lar comum europeu" e uma liderança global conjunta com os EUA, mas estas noções revelaram-se ilusões.

⁵ A Rússia, historicamente, tem procurado o reconhecimento ocidental.

⁶ Dmitri Medvedev tornou-se Presidente em 2008. Após cumprir um mandato como Primeiro Ministro, Putin assumiu mais um mandato presidencial.



estabelecer uma estrutura unipolar do mundo, enquanto o de 2008 reforçou que a ação unilateral desestabiliza as situações internacionais (Light & Cadier, 2015, p. 16). As linhas orientadoras da política externa russa, no contexto do término da bipolaridade, caracterizaram-se pela multivetorialidade, identificando áreas concretas de atuação⁷, e ordem multipolar⁸, num discurso muito centrado no exercício de contrapeso à hegemonia americana. Putin incutiu um 'novo realismo' à política externa russa (Freire, 2014, p. 33), traduzindo-se na combinação de uma visão tradicional realista do interesse nacional e da prossecução deste no sistema internacional, buscando estabelecer uma dinâmica genuinamente equilateral da vantagem mútua na integração russa nas estruturas europeias e globais, na projeção do poder e da influência russa no sistema a juntar à postura afirmativa de Putin assentam num contexto interno estável e no crescimento económico. Estes elementos suportam a busca pelo reconhecimento, e, também, da legitimidade nas políticas regionais e globais. A política externa de revitalização do Grande Poder é o elemento que torna Putin popular na Rússia (Trenin, 2016, p. 2).

Genericamente, o impacto das características pessoais de um líder na política externa aumenta quando a sua própria autoridade e legitimidade são aceites pela população ou, em regimes autoritários ou totalitários, quando os líderes são protegidos das amplas críticas públicas (Freire & Vinha, 2015, p. 36). A política externa russa é essencialmente da responsabilidade do Presidente, incumbido da definição das linhas de atuação de base subjacentes ao posicionamento da Federação da Rússia nos assuntos internacionais (Freire, 2014, p. 41), e, Putin concebe, molda e executa as decisões em política externa⁹ com o apoio da comunidade de segurança¹⁰. Essas decisões baseiam-se na sua interpretação sobre o interesse nacional e também nas opiniões filosóficas sobre o que é certo e o que está errado (Light & Cadier, 2015, p. 34). Constata-se, portanto, que o processo decisório em política externa é condicionado por fatores externos, domésticos e psicológicos (Freire & Vinha, 2015, p. 58).

Após 2007, a política externa russa entrou na fase do neo-revisionismo¹¹ (Sakwa, 2014, p. 30). De um Estado de *status quo*, a Rússia converteu-se num tipo distintivo de poder neorrevisionista, afirmando ser uma "executora de normas" e não só "aplicadora de normas" (Sakwa, 2014, p. 31). A eleição de Dmitry Medvedev como Presidente russo, em março de 2008, significou a continuidade à política externa russa seguindo a tendência de reforço das linhas da política pragmática assertiva, caracterizadora do legado putinista. Combinou o crescimento resultante do uso de recursos energéticos com

⁷ A Comunidade dos Estados Independentes, ou a CEI, define-se, a partir de 2000, como área de ação prioritária para Moscovo, onde se dá o primado ao desenvolvimento de boas relações com os Estados vizinhos e à parceria estratégica. As políticas de Putin e de Medvedev para a CEI têm-se desenvolvido na linha de reafirmação da influência russa na área.

⁸ No pós-2008 a Rússia entende a ordem internacional como multipolar e considera-se ator relevante. A opção pela multipolaridade constitui uma das linhas de rutura com o passado soviético e justifica-se pela incapacidade da Federação da Rússia em conseguir afirmar-se, a curto prazo, como uma potência hegemónica na arena internacional. Após a invasão norte-americana do Iraque, em 2003, a definição de multipolaridade russa adensou-se.

⁹ O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Federação da Rússia desenvolve a estratégia geral da política externa, apresenta propostas relevantes ao Presidente, implementa a política externa da Federação Russa considerando este Conceito e a Ordem Executiva Do Presidente da Federação da Rússia N.º 605 de 7 de maio de 2012 sobre as medidas para implementar a política externa da Federação Russa e coordena as atividades de política externa dos órgãos executivos federais e cooperação internacional de acordo com a Ordem Executiva da Federação da Rússia No. 1478 de 8 de novembro de 2011 sobre o papel de coordenação do Ministério de Relações Exteriores da Federação da Rússia na condução de uma Política Externa Uniforme.

¹⁰ A visão de mundo do Conselho de Segurança da Federação da Rússia apresenta as relações internacionais em termos de uma luta sem fim pela dominação e influência entre alguns Países poderosos.

¹¹ A sua essência é a tentativa de assegurar a aplicação universal das normas internacionais.



um novo vetor de política externa assente na modernização doméstica (Liberalismo), construindo 'alianças de modernização', que visava várias vertentes desde a investigação científica de ponta até à formação do indivíduo (Tsygankov, 2016) (Freire, 2014, p. 35).

"Devemos ser mais eficazes no uso de instrumentos de política externa especificamente para a prossecução dos objetivos nacionais, para modernizar o nosso País, a economia, a vida social e, em certa medida, o sistema político, a fim de resolver os vários desafios que a nossa sociedade enfrenta." (Tsygankov, 2016, p. 209)

Assim, analisando-se este excerto, do discurso de Medvedev realizado na reunião perante os embaixadores e os representantes permanentes das organizações internacionais a 12 de julho 2010, destaca-se a importância de modernizar a economia doméstica, mas também era necessário desenvolver uma política que proporcionasse condições ao investimento estrangeiro, investir em tecnologia que proporcionasse desenvolvimento económico e criasse as condições necessárias ao desenvolvimento das áreas não-energéticas para ultrapassar a excessiva dependência russa das exportações energéticas (economia diretamente dependente dos preços no mercado internacional). Os anos de Medvedev (2008-2012) como Presidente russo, não se caracterizaram pela tentativa de afirmar políticas mais liberais nas dimensões económica e social como diversos analistas o afirmam. Estas políticas foram só 'fogo de vista'.

A campanha russa na Geórgia desencadeou a crise mais significativa nas relações externas russas com os Países ocidentais desde a dissolução da URSS (Allison, 2008, p. 1169). O caso da Geórgia é caso paradigmático no âmbito do desenvolvimento das relações e do posicionamento de Moscovo na CEI. A guerra dos cinco dias na Geórgia, em agosto de 2008, correspondeu a uma política de reafirmação de Moscovo no espaço pós-soviético perante a influência ocidental e, acima de tudo, perante um conjunto de políticas e ações lideradas pelos EUA, em particular, e considerados em Moscovo como ultrapassando uma política de cooperação estratégica, tendo implicações diretas para a segurança nacional (Freire & Simão, 2014, p. 92). A intervenção russa na Ossétia do Sul (Geórgia) tinha como justificação central proteger os seus nacionais (Allison, 2008, pp. 1153-1154; 1167-1169). A resposta russa ao ataque georgiano a Tskhinvali (capital da Ossétia do Sul) incluiu a ocupação temporária de parte da Geórgia, logo seguida do reconhecimento da independência das regiões Ossétia do Sul e Abkhazia em 26 de agosto de 2008 (Sakwa, 2014, p. 40). Esta foi uma resposta à ameaça de ampliação da OTAN. Moscovo invadiu a Geórgia movido por uma política de projeção de poder na área pós-soviética, com o objetivo de enfraquecer o País, afirmando-se na CEI (área vital), reforçando a estratégia de contenção da presença dos EUA (bases militares) na Eurásia e sublinhando o seu reconhecimento no sistema internacional como uma grande potência (Freire, 2015, p. 209). Esta postura russa enquadra-se na mais utilizada teoria para compreender os fenómenos das relações internacionais (RI) – *Realpolitik*/Realismo Político (Burchill, et al., 2013, p. 33). Kenneth N. Waltz, fundador do



Neorrealismo/realismo estrutural (1979)¹², advoga que a estrutura do sistema internacional criou uma plataforma de competição entre Estados em busca de segurança, sendo que pela sua natureza anárquica, por vezes, aquela estrutura, predispõe os Estados a adotarem comportamentos expansionistas e revisionistas (Sousa & Mendes, 2014, p. XXIV). Nesta perspetiva, a Rússia assume um impulso constante de querer afirmar o seu poder e garantir a segurança (Tsygankov, 2016, p. 11).

O pragmatismo foi recorrente das declarações de política externa de Putin e Medvedev e, na prática, com exceção talvez da guerra da Geórgia, foi a marca registada da sua política antes de 2014 (Light & Cadier, 2015, p. 18). Em 2011, Medvedev finalmente admitiu que a principal motivação russa para enviar tropas à Geórgia teria sido evitar a sua adesão à OTAN (Allison, 2014, pp. 1269-1270). O resultado desta incursão militar foi um revisionismo ao de leve, orientado para a marcação de uma posição diferente *vis-à-vis* com o Ocidente bem como para a ideia de multipolaridade e demonstração de que a sua influência no espaço pós-soviético continuava presente (Marques, 2016, p. 46).

Putin regressou ao Kremlin¹³, reeleito para o terceiro mandato (maio de 2012), quase imediatamente após o despoletar da Primavera Árabe e num contexto de declínio interno marcado por uma nova fase de dificuldades nas relações com o Ocidente (Freire, 2015, p. 211). A crise da Ucrânia¹⁴ foi responsável por algumas dessas dificuldades. Desde fevereiro de 2014, o Kremlin atuou em modo de guerra com Putin a líder (Taussig & Ryan, 2016). Tudo começou quando a Rússia, para remediar uma injustiça histórica¹⁵ (Allison, 2014, p. 1286), ocupou a Crimeia, em março de 2014. Na verdade, Putin reagiu assim aos acontecimentos ocorridos em Kiev, em finais de 2013 e início de 2014, que levaram à queda de Viktor Yanukovich do cargo presidencial ao ter recusado assinar o Acordo de Parceria entre a Ucrânia e a União Europeia (UE) (Milhazes, 2017, p. 24). Segundo o relato de Putin sobre a operação inicial da Rússia na Crimeia, o fator OTAN certamente se destaca (Allison, 2014, p. 1273). O principal objetivo será evitar que a Ucrânia adira à OTAN (Sakwa, 2014) e, idealmente, recuperá-la para o projeto de integração euro-asiática [para concorrer com a UE], cujo elemento principal é a reunificação daquilo que Moscovo considera 'mundo russo' (*Russkii mir*) (Trenin, 2014, p. 6). A intervenção na Ucrânia aparece como expressão extrema de uma política de negação estratégica, baseada no crescente esforço de Putin em demarcar a ordem da CEI como zona proibida à OTAN (Allison, 2014, p. 1269). A reunificação da Crimeia e as ações [russas] em Donbass provocaram uma onda de sanções (Sakwa, 2014, p. 113). As políticas russas sofreram uma reação negativa imediata e forte dos EUA e dos seus aliados (Trenin, 2014, p. 8). A intervenção militar russa na Ucrânia teve por base os constantes avanços ocidentais (OTAN e UE) para a Europa de Leste, influenciando, negativamente, a perceção russa dos acontecimentos que identificou os mesmos como ameaça à segurança da Rússia (Marques, 2016, pp. 8-9). O desafio putinista ao "direito soberano" do sistema de segurança do Atlântico de expandir as fronteiras russas foi claro e provocou uma resposta

¹² Tentativa bem conseguida de ultrapassar a abordagem do Realismo Clássico e de desenvolver um modelo explicativo mais rigoroso e neo-económico dos constrangimentos estruturais do sistema competitivo e anárquico das RI.

¹³ A centralização do poder, que dificulta a democratização das estruturas políticas russas e a consolidação de um verdadeiro regime plural, manteve-se com Putin.

¹⁴ O termo "crise da Ucrânia" é usado aqui referindo-se ao fenómeno das RI, também descrito como "crise sobre a Ucrânia". Isso contrasta com o termo "crise ucraniana", centrado nos desenvolvimentos domésticos.

¹⁵ Em 1954, Nikita Khrushchev tomou a iniciativa própria de transferir a Crimeia (e Sebastopol) à jurisdição ucraniana. A anexação da Crimeia é a vingança russa pela derrota e vitimização russa pós-Guerra Fria.



em sanções e outras pressões cuja lógica final era a mudança de regime na Rússia (Light & Cadier, 2015, p. 69). A crise da Ucrânia e a anexação formal da Crimeia (18 de março 2014), pelo Estado [russo] genuinamente revisionista (Sakwa, 2014, p. 116)¹⁶, assumem-se como o ponto de viragem na política externa russa e como um momento definidor da história russa.

Em contraste com 2000, quando a UE estava no topo das prioridades, estava agora abaixo das relações com os BICS (Brasil, Índia, China e África do Sul), a Organização de Cooperação de Xangai, a CEI e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva e, mesmo, abaixo das relações com a Abkhazia e a Ossétia do Sul (Light & Cadier, 2015, p. 72). Os objetivos políticos domésticos da proteção do regime à influência exterior, a consolidação da coesão interna do regime e a renovação da base de apoio de Putin afetaram a política externa russa desde 2012, e, contribuíram para uma retórica nacionalista mais forte no discurso de política externa, crescente caracterização da Europa como ameaça [atitude confrontacional com o Ocidente], investimento crescente em *soft power* e tentativa renovada de constituir o espaço pós-soviético como zona de amortecimento político (Light & Cadier, 2015, p. 213).

2. Orientação Ásia: o Grande Médio Oriente

O Euroasianismo, personificado em Putin, adquiriu clara relevância na agenda da política externa russa, após se popularizar com Yeltsin e com o pragmático Yevgeny Primakov. A identificação da Rússia como País euro-asiático reforçaram a importância crescente que as relações orientais assumiram sob a liderança de Putin.

A Ásia Central destacou-se na política externa russa, sobretudo nas questões estratégicas que o Cáspio assume em energia e na importância das dinâmicas regionais na estabilização do Afeganistão e Paquistão. O reforço da cooperação, por exemplo, com o Irão¹⁷ é central para compreender a dimensão oriental da política externa russa (Freire, 2011, p. 58). O Irão e a Turquia, influentes enquanto atores regionais na fronteira entre o Cáucaso e o MO, tornaram-se fundamentais na política externa russa para o MO (Freire, 2011, p. 208). No âmbito do alargamento das relações geográficas, o Conceito de 2008 refere que "a Rússia pretende desenvolver e aprofundar relações com a Turquia, Egito, Argélia, Irão, Arábia Saudita, Síria, Líbano, Paquistão (...)" (Freire, 2011, p. 231).

O uso da força voltou a ser instrumento ativo da política externa russa, dentro e além do antigo espaço soviético (Trenin, 2016, p. 3). Mesmo que outros atores sejam, por vezes, considerados, é o Estado que é considerado o ator principal da competição pelo poder, pela sua capacidade de mobilizar e organizar o essencial dos recursos de uma comunidade para se defender ou expandir militarmente (Reis, 2016, p. 6). A intervenção na Síria, representando um desafio a Washington, é um exemplo da imprevisibilidade de Putin. Moscovo quebrou um monopólio pós-Guerra Fria dos EUA quanto ao uso global da força e tem encenado um retorno geopolítico espetacular numa região que abandonou

¹⁶ O Realismo Ofensivo (RO) assume que os Estados querem maximizar o seu poder e que, sobretudo os Estados hegemónicos, devem fazê-lo através de políticas expansionistas e da imposição do seu poder e interesses aos Estados mais fracos e inimigos.

¹⁷ Até 1935, a atual República Islâmica do Irão ou RII era conhecida pelo nome oficial de Pérsia. Por decisão do Xá Muhammad Reza, naquele ano, o País alterou a designação oficial para Irão e, após a Revolução Islâmica de 1979 que resultou na deposição do Xá Muhammad Reza Pahlavi, adotou o seu nome atual. Ao longo do texto serão utilizadas as designações Irão e RII aleatoriamente.



nos anos decadentes da URSS (Trenin, 2016, p. 1). Para Tsygankov (Tsygankov, 2016, p. 243), Moscovo ali interveio com vontade de reatar as relações com o Ocidente, apoiar al-Assad (Lund, 2016), ser reconhecida como um Grande Poder, manter a Síria como a sua fortaleza geopolítica e militar e aproveitar as vantagens comerciais na venda de armamento a Damasco (Berman, 2016).

Nikolay Kozhanov categorizou em três grupos os objetivos e as razões que influenciaram Moscovo a maior atividade no MO: económicos (compensar as implicações políticas e económicas negativas da tensão vivida com o Ocidente¹⁸ e proteger os interesses das corporações de gás e do petróleo russas através de acordos energéticos); políticos (promover o diálogo entre os principais atores do MO e promover a visão russa do futuro do sistema das RI); segurança (restringir as possíveis ameaças à segurança da Rússia em partes não europeias da Eurásia através do combate ao terrorismo internacional, ao radicalismo islâmico, à proliferação das armas de destruição maciça e ao crime transfronteiriço) (Kozhanov, 2015). A crescente ameaça terrorista representa um grande perigo, e, o seu combate é muito importante no garante da segurança nas principais cidades russas e na comunidade internacional.

Segundo argumenta Richard Sakwa, a desilusão de Putin com o Ocidente [após eventos ucranianos em 2014] implicou não apenas uma mudança para uma maior orientação asiática, mas, também, uma tentativa muito mais substantiva de dar forma e substância a uma visão revitalizada da Rússia como um poder bicontinental (Light & Cadier, 2015, p. 70). A Rússia focou-se em Países (Irão e Turquia) com vantagens económicas, geopolíticas e militares. A política de contenção dos avanços ocidentais através de alianças e parcerias é um objetivo. Segundo o novo Conceito de Política Externa¹⁹, Moscovo quer reforçar a sua relação com o mundo árabe, participando no Conselho de Cooperação do Golfo (CCG):

"A Rússia tenciona reforçar as suas relações bilaterais com os Países do MO e Norte de África, nomeadamente contando com a reunião ministerial do Fórum de Cooperação Russo-Árabe e prosseguindo o diálogo estratégico com o CCG." (Rusia, 2016)

No Conceito de 2008, num quadro da crescente importância que a variável islâmica adquirira no equacionar das relações de poder numa nova ordem multipolar, fazia-se já referência ao reforço das relações da Rússia com os Países islâmicos, com a participação como Estado observador na Conferência Islâmica e na Liga de Países Árabes (Freire, 2011, p. 231). O desejo russo de se aproximar aos parceiros árabes no contexto da crescente ameaça do radicalismo islâmico enquadra-se no contraterrorismo. As relações da Rússia com os atores regionais, em particular a Síria, o Irão e a Turquia, são reveladoras dos interesses russos na área e da complexidade nos relacionamentos bilaterais e multilaterais (Freire, 2011, p. 211). O Kremlin tem prosseguido com os objetivos da "nova Rússia", para se afirmar e consolidar o poder.

¹⁸ Os Países europeus optaram, por exemplo, por suspender o encanamento de gás natural *South Stream*, um novo e importante canal de energia que Moscovo esperava aumentar a sua quota de mercado na Europa.

¹⁹ O conceito foi aprovado por Putin a 30 de novembro de 2016.



Seguidamente, analisa-se a evolução das relações russas com a Turquia e o Irão bem como as respetivas relações com os Curdos:

a) **Ancara**

Das inúmeras guerras entre o Império Otomano e o Império Russo, aos recentes acordos energéticos entre Ancara e Moscovo, o relacionamento entre a Turquia e a Rússia foi sempre marcado por uma grande ambiguidade (Barrinha, 2014, p. 253).

Atualmente separados pelas repúblicas islâmicas do Cáucaso do Sul, a Turquia e a Federação da Rússia foram, até ao término do sistema bipolar, Países com fronteiras comuns, ambições paralelas e alianças antagónicas.

Entre os anos de 1676 e 1917 os dois Países foram adversários em doze guerras. A guerra de 1768-74 teria um significado especial, pois a pesada derrota das forças otomanas significou o fim da hegemonia no Mar Negro (Barrinha, 2014, p. 254). Durante a segunda metade do século XX, até ao final da Guerra Fria, caracterizou-se pelo desequilíbrio entre a URSS Império e a Turquia pós-Imperial preocupada com a consolidação do projeto republicano²⁰.

Na década de 60 a Rússia e a Turquia (re)aproximaram-se, já que com Nikita Krushev a Rússia abriu-se politicamente e a República turca demonstrava insatisfação com os EUA relativamente à questão de Chipre. Só em setembro de 1984 o governo da Turquia, então liderado por Turgut Ozal, assinou um acordo energético com a Rússia na área do gás natural. Este acordo é ainda hoje visto como sendo um marco na viragem do relacionamento entre os dois Países (Barrinha, 2014, p. 256). Ano e meio mais tarde, seria a vez da empresa russa *Gazexport* e a turca *Botas* assinarem um acordo comercial para um período de 25 anos (Barrinha, 2014, p. 256). O fim da Guerra Fria teve como fundamentais consequências para a política externa turca o redimensionamento das suas relações com o ex-espaco soviético de raízes culturais turcas e, por outro, com o MO (Barrinha, 2015, p. 478). A relação entre os dois, durante a presidência de Ieltsin, caracterizou-se pela cooperação bilateral. Num quadro da emergência de novas potências e de um mundo pós-americano, a Turquia passou a contactar diretamente com o Brasil, a República Popular da China, a Índia e a Federação da Rússia.

O reforço da legitimidade interna, a existência de uma doutrina de base associada ao novo Ministro dos Negócios Estrangeiros e de um forte crescimento económico e a progressiva afirmação de novos polos de poder no sistema internacional contribuíram para uma mudança de atitude da Turquia relativamente à sua política externa (Barrinha, 2015, p. 485). A mudança refletiu-se numa atitude de mais atividade global.

Para Moscovo, o relacionamento com a Turquia integra uma estratégia de simultânea expansão das relações económicas e permite conter a influência do Ocidente na sua vizinhança. Do lado turco, esta aproximação relaciona-se com um novo modo de fazer a política externa com o Partido da Justiça e do Desenvolvimento através do então Ministro dos Negócios Estrangeiros Ahmet Davutoglu.

²⁰ A sua consolidação ficou marcada pelo conhecido princípio do Paxá Mustafá Kemal 'Ataturk': 'paz em casa, paz no mundo'.



A energia tem sido a área que mais tem unido estes dois Estados no decurso das últimas décadas²¹. Neste contexto energético, há duas questões que caracterizam o relacionamento turco-russo: por um lado, o relacionamento económico entre os dois Países, por outro, a geopolítica da questão (Barrinha, 2014, p. 259). A política de gasodutos e oleodutos tem assumido fundamental importância no relacionamento energético. A principal prioridade da Rússia é o Gasoduto *Turkish Stream* (substituto do abandonado Projeto *South Stream*), que está previsto fornecer 15,75 bilhões de metros cúbicos de gás para a Turquia até 2020 e o mesmo valor para os mercados no sudeste da Europa (Baev & Kirişci, 2017, p. 7). A sua concretização, segundo Putin, aumentará significativamente a segurança energética da Turquia e da Europa, aumentando as possibilidades da exportação do Gás russo para a Turquia. A decisão de Erdoğan de conceder à Corporação Estatal de Energia Atômica da Rússia (Rosatom) os direitos de construir a central nuclear de Akkuyu no sul da Turquia é controversa. Como observam Pavel Baev e Kemal Kirişci, daria à Rússia o "controle sobre uma parte significativa da produção de eletricidade da Turquia" (Baev & Kirişci, 2017, p. 7). Em contraste com os objetivos de diversificação energética da Turquia, os projetos agravarão a sua dependência da energia russa (Taussig, 2017). A Turquia importa 50-55 % das suas necessidades de gás da Rússia (Baev & Kirişci, 2017, p. 6).

Relativamente às questões de segurança e dos conflitos, o relacionamento bilateral tem-se caracterizado por dinâmicas geopolíticas, tais como a questão nuclear iraniana, o conflito de Nagorno-Karabakh, a Guerra dos Balcãs (1990) e o Mediterrâneo Oriental (Chipre e Síria). A Turquia e a Rússia têm percepções convergentes no que respeita à ordem mundial, ao desenvolvimento de projetos energéticos e à cooperação no aumento da segurança no Mar Negro. Este relacionamento pode ser explicado pelas lideranças fortes e estáveis de Putin e Erdoğan bem como pelo cenário internacional favorável ao aparecimento de potências emergentes após a crise de 2008, adquirindo um protagonismo crescente no quadro internacional (Barrinha, 2014, p. 268).

Desde 2011 que a agenda destes Países tem-se centrado no MO, e, particularmente, na Primavera Árabe, a qual tem diferentes leituras em Putin e Erdoğan. Baev e Kirişci (Baev & Kirişci, 2017, p. 4) escrevem: "A liderança turca saudou os levantamentos populares como uma 'grande restauração' da civilização islâmica e aguardava a formação de um 'cinturão da Irmandade Muçulmana', estendido pela Tunísia, Líbia, Egito e Síria". Erdoğan tentou reorientar a Turquia como líder de uma civilização islâmica emergente no MO (Taussig, 2017). Já Putin entende o islamismo político como real ameaça à segurança da Rússia (RO). Desconfia do apoio de Erdoğan e das conexões com grupos islâmicos radicais na Síria, interessando-lhe que essa ideologia falhe regionalmente.

A Turquia e a Federação da Rússia divergem na trajetória a prosseguir que solucione o conflito sírio, entre as forças do regime de Assad e os vários movimentos de oposição. Ancara, desde o início da crise, tenta alcançar uma posição comum com Moscovo, mas tem sido difícil. Por um lado, Moscovo pretende que a Síria continue a ser uma zona de influência, o que lhe permite garantir o acesso à costa mediterrânica²², reequacionar rotas e aumentar a sua influência numa área com interesse estratégico multidimensional

²¹ Em janeiro de 2015, Putin viajou para Istambul com o objetivo de propor a construção de um gasoduto desde a Turquia até às fronteiras da Europa.

²² Em 1971, a URSS instalou uma base de apoio e de manutenção naval do porto sírio de Tartus. Esta base naval é a única que está fora do chamado espaço pós-soviético e está dotada de uma maior capacidade de projeção no Mediterrâneo oriental. Esta base naval, a única de águas quentes, é importante para as ambições russas no desempenho de um papel geopolítico maior no Mediterrâneo oriental e no MO.



(Freire, s.d., p. 41). Para Ancara, o potencial do surgimento de uma entidade curda ao longo da sua longa fronteira avaliou-se como a principal ameaça à segurança que poderia surgir do conflito (Çandar, 2017). Retomando a questão curda, Moscovo insistiu que os Curdos deveriam integrar o processo de solução política para a Síria. Apesar da desaprovação de Erdoğan, Moscovo promoveu laços com o Partido da União Democrática Síria (PYD), forte facção curda operacional na Síria, e elaborou uma nova Constituição síria, concedendo autonomia significativa às regiões curdas (Taussig, 2017). A proteção russa ao PYD fez emergir o problema curdo com Ancara. Recentemente, o histórico acordo entre a petrolífera estatal russa, *Rosneft*, e o Governo Regional do Curdistão (compra do petróleo curdo) mostra que os russos veem os Curdos como importantes atores no futuro do MO. Através das atividades *Rosneft*, Moscovo ganhou influência sobre os interesses turcos e iranianos na questão curda e, potencialmente, reafirmou a sua influência das exportações de petróleo e gás sobre não apenas Ancara, mas também nas principais economias do sul da Europa (Jaffe, 2017) (Barmin, 2017). Na Síria e no Iraque, a Rússia favorece a autonomia real dos Curdos (Trenin, 2017), apesar da reação russa ao Referendo curdo (25 de setembro de 2017) ter sido bastante ambígua (Azizi, 2017). A independência do Curdistão Iraquiano, provavelmente, prejudicaria os interesses regionais russos. Colocaria a Rússia em desacordo com a Turquia e o Irão, dois atores com os quais Moscovo está alinhado no MO (Barmin, 2017).

As relações russo-turcas viveram um tenso período desde o incidente de 2015, quando um avião de guerra russo entrou no espaço aéreo turco e foi derrubado pelas forças turcas próximo à fronteira turco-síria.

Moscovo impôs sanções económicas a Ancara²³ que, segundo estimativas iniciais, custou à Turquia 10 bilhões de dólares em comércio perdido numa época em que a economia turca declinava (Tank, 2016). No entanto, as relações bilaterais têm-se restaurado desde agosto de 2016. Na reunião de 13 de novembro, Putin afirmou que "quanto à cooperação russo-turca, pode dizer-se que as nossas relações foram praticamente restauradas" (ru, 2017). Ilshat Saetov, do Instituto de Estudos Orientais da Academia Russa de Ciências, disse ao *Al-Monitor* que, apesar de Moscovo perdoar Ancara, não confia mais na Turquia (Chulkovskaya, 2017).

Putin, durante a conferência realizada a 3 de maio de 2017, só os meios políticos e diplomáticos podem contribuir para a solução do conflito sírio. A Rússia, a Turquia e o Irão, apesar dos seus interesses concorrentes, aprofundaram a sua cooperação na Síria, lançando o Formato de Astana no início de 2017 para decretar o cessar-fogo e negociar o término do conflito. Putin afirmou novamente a importância estratégica de Ancara e refere-se à importância em normalizar as suas relações:

"A Turquia é um parceiro importante e promissor da Rússia. Há algum tempo, a durabilidade das nossas relações bilaterais, como sabemos, foi testada. Agora, podemos afirmar com confiança que o período de recuperação nos laços entre a Rússia e a Turquia acabou e estamos a regressar à cooperação normal entre os parceiros. Os nossos Países estão firmemente empenhados em reforçar a

²³ A Rússia proibiu, por exemplo, as importações do tomate turco. Ancara impôs grandes taxas para a importação do trigo russo em março, mas retomou as compras após o encontro entre os Presidentes a 3 de maio de 2017.



cooperação em muitas áreas, de acordo com o espírito e o mencionado no tratado sobre os fundamentos das relações bilaterais, que farão 25 anos no final de maio.” (ru, 2016)

A Rússia e a Turquia deram importantes passos para melhorar as suas relações desde o incidente de 2015, e Putin assinou o Decreto (31 de maio de 2017) para remover algumas das restrições impostas à Turquia²⁴ após o encontro com o homólogo turco ((RFE/RL), 2017) (ru, 2017). A 1 de dezembro a Rússia levantou completamente a proibição de importar tomates turcos (Chulkovskaya, 2017).

Relativamente à Síria, é de sublinhar que as reuniões de Astana tal como o Memorando sobre as zonas de descalada contribuíram para reduzir a violência no País segundo Putin e Erdoğan.

b) Teerão

A Rússia e o Irão têm cooperado na Síria, na venda de armas e nos assuntos económicos apesar das divergências, segundo Mark Katz. Teerão, no contexto pós-Guerra Fria, viu-se obrigado a abandonar o princípio «nem Ocidente nem Oriente», no âmbito da sua política externa, e estabeleceu o princípio de Norte e Sul» (Simão, 2015, p. 415). A sua postura significou abertura às repúblicas do Cáucaso do Sul e da Ásia Central. A relação com o Irão é fundamental porquanto a Rússia consegue neutralizar a influência iraniana na Tchetchénia e noutras regiões islâmicas definidas como ameaça, particularmente no Cáucaso. No Realismo Ofensivo, Teerão é um aliado para contrabalançar a ameaça ocidental dado que Moscovo tem procurado projetar-se como uma grande potência após décadas de influência e estatuto reduzidos.

A RII é um País fundamental no MO, Ásia Central e Cáspio, e nas relações comerciais²⁵, económicas e de segurança, interessando ao Kremlin (Trenin, 2016). Moscovo está preparado para estabelecer relações com o regime de Ali Khamenei²⁶ em matéria de comércio, energia e segurança.

Teerão também não foi sempre um parceiro de confiança para Moscovo. Por exemplo, em dezembro de 2008, o governo russo sofreu um grande choque quando, apesar dos acordos então estabelecidos com o regime persa, a RII votou contra São Petersburgo favorável ao Qatar para este ser o local do executivo e do secretariado do Fórum dos Exportadores de Gás. A voz iraniana pareceu ser decisiva na votação pelos membros da organização (Kozhanov, 2015). A Rússia pretendia ser influente no mercado internacional do gás, mas, como se constatou acima, não o concretizou.

Desde o regresso de Putin à Presidência, em 2012, as relações russo-iranianas experimentaram uma mudança significativa de rumo, em contraste com o arrefecimento substancial do diálogo bilateral que caracterizou os últimos dois anos da presidência de Medvedev (Kozhanov, 2015). A sua visão das principais prioridades do Kremlin na arena internacional foi muito afetada pelo fracasso da reposição das relações entre Washington

²⁴ As sanções foram impostas às empresas turcas a operar na Rússia e aos nacionais turcos que pretendiam ter emprego em território russo.

²⁵ O mercado russo pode ser um bom mercado para os produtos do Irão.

²⁶ Foi o Presidente da RII no período de 1981-1989, sendo elevado à categoria de Ayatollah e nomeado como Líder Supremo pela Assembleia de Peritos.



e Moscovo e com o início das tensões com o Ocidente sobre a Síria. Dececionado com as tentativas de superar os obstáculos nas relações com o Ocidente, Putin estava determinado em desenvolver relações com Países não ocidentais (Kozhanov, 2015). A posição geoestratégica do Irão permitiu-lhe influenciar o desenvolvimento da situação no Cáspio, Cáucaso, Ásia Central e MO. Esta realidade obrigou Moscovo a discutir diversas questões de política externa com o Irão, tais como o conflito de Nagorno-Karabakh, as situações no Iraque e no Afeganistão, a estabilidade do Tadjiquistão²⁷, as atividades da OTAN no Cáucaso do Sul (a cooperação com a Geórgia e com o Azerbaijão), a presença de potências não regionais nas regiões do MO e da Ásia Central, a construção de gasodutos trans-cáspios e a instabilidade no Cáucaso. O apoio da RII considerou-se relevante para o sucesso das atividades de Moscovo para fortalecer a posição regional da Rússia pós-1991.

Em setembro de 2014, Lavrov designou a RII de 'aliada natural' na luta contra os extremistas religiosos do MO (Kozhanov, 2015). A saída de Ahmadinejad e a eleição de Hassan Rouhani não afetaram significativamente a tendência de aprofundamento da cooperação. Os resultados da Primavera Árabe, na região, exigiram que Moscovo estivesse mais ativo no contacto com a RII após a vitória de Rouhani²⁸ em 2013.

Em 2014, a tensão entre a Rússia e os EUA/UE, decorrente da crise da Ucrânia, contribuiu para o Kremlin reforçar a cooperação com o Irão (Kozhanov, 2015), e, também, os seus laços económicos e geopolíticos com Países não ocidentais (Borshchevskaya, 2015). No contexto desta tensão, as empresas russas tiveram de procurar novas oportunidades comerciais e de investimento na RII.

No agosto de 2016, numa cimeira realizada em Bacu, Putin, Hassan Rouhani e Ilham Aliyev do Azerbaijão comprometeram-se ao desenvolvimento de um corredor comercial com 7.200 quilómetros de extensão, conectando os Países, por via ferroviária (Trenin, 2016). Para o Kremlin, a RII oferece oportunidades económicas importantes devido ao seu número de habitantes e o seu potencial para o crescimento nas áreas da tecnologia, educação e cultura.

A região do Mar Cáspio é uma das mais antigas produtoras de petróleo no mundo e está a crescer rapidamente como centro produtor de gás natural (EIA, 2013, p. 1).

A questão do Cáspio engloba aspetos políticos, económicos, diplomáticos e militares (Sazhin, 2016, p. 13). O *status* legal da área do Cáspio tem sido tema complexo pela ausência de acordo sobre se o 'corpo de água' é definido como um "mar" ou um "lago". Atualmente não existe uma definição legal definida para o Cáspio, porque os Estados costeiros²⁹ devem concordar por unanimidade numa definição (EIA, 2013, p. 4). Sergei Lavrov, disse depois de uma recente reunião [4-5 de dezembro de 2017] de ministros dos Negócios Estrangeiros dos Países do Cáspio que após mais de 20 anos de negociações, um acordo sobre o *status* do Cáspio estava "praticamente pronto" para assinar (Pannier, 2017). Em 2003, a Rússia, o Azerbaijão e o Cazaquistão assinaram diversos acordos bilaterais relativos às linhas divisórias das zonas adjacentes ao Cáspio. Mas, o Irão [considerando o Cáspio um lago] não reconheceu a legitimidade da iniciativa tripartida, solicitando a divisão igual de 20% do fundo do mar e a superfície do Cáspio

²⁷ Em meados da década de 1990, os regimes de Moscovo e de Teerão uniram-se para deter a guerra civil que então deflagrava no Tadjiquistão.

²⁸ Pretendia, no seu primeiro mandato, reforçar as relações com o Ocidente, o que por sua vez alarmou o Kremlin.

²⁹ A Rússia, o Azerbaijão, o Cazaquistão, o Turquemenistão e Irão.



(Sazhin, 2016, p. 14) (EIA, 2013, p. 5). Há contradições entre Moscovo e Teerão na sua divisão territorial: não há consenso sobre o regime de governação da navegação nas zonas sob jurisdição nacional (Kozhanov, 2015).

O Irão e a Rússia uniram-se na atitude negativa relativamente ao projeto do Transcáspio, apoiado pelo Turquemenistão e Azerbaijão. Nem a Rússia nem o Irão querem o insucesso do projeto europeu de transporte de gás na futura Rota Cazaquistão-Turquemenistão-Mar Cáspio-Azerbaijão-rota europeia (Sazhin, 2016, p. 15).

No âmbito do conflito sírio, Moscovo e Teerão não estão totalmente alinhados, uma vez que as suas estratégias políticas são diferentes. Querem impedir o derrube do regime de Assad e manter as instituições estatais (Sazhin, 2016, p. 16), mas existe uma divergência fundamental no que respeita aos seus objetivos. Moscovo tem defendido a integridade territorial da Síria como Estado secular, democrático e plural, tal como se lê:

"A Rússia apoia a unidade, a independência e a integridade territorial da República Árabe da Síria enquanto Estado secular, democrático e pluralista, com todos os grupos étnicos e religiosos que vivem em paz e segurança e gozam de direitos e oportunidades iguais." (ver informação mais detalhada em Sazhin e no Conceito de Política Externa)

Quando Putin interveio na Síria³⁰, supostamente para combater o *Daesh* e para impedir a derrota de Assad, fê-lo para garantir os seus interesses militares e económicos, em particular relativamente aos gasodutos do gás natural que atravessam a Síria (Tsygankov, 2016, p. 243) (Tank, 2016). Um dos principais objetivos da intervenção russa tem ganho o reconhecimento dos EUA relativamente ao facto da Rússia ser, de facto, um Grande Poder (Trenin, 2016). Por outro lado, os iranianos pretendem manter um regime amigo em Damasco, preservar as ligações cruciais ao movimento armado libanês, o Hezbollah, e reforçar a influência na Síria, controlada por Assad (Trenin, 2016). Teerão está consciente de que a sobrevivência política do regime sírio permitir-lhe-á manter o sonho da liderança regional e promover o 'arco xiita' (Pinto, 2015, p. 117).

Relativamente à questão curda, enquanto a Rússia apoiou os curdos sírios bem como as suas esperanças numa solução federal que lhes permitiria autonomia na Síria, o Irão e a Turquia opuseram-se a essas aspirações (Katz, 2016).

A Rússia procura um resultado que permita, eventualmente, a inclusão de algum compromisso político, considere as fações em conflito em confronto na Síria e os atores regionais importantes, preservando os seus interesses. O potencial de discórdia entre a RII e a Rússia existe na geopolítica regional, no debate relativo ao estatuto jurídico do Mar Cáspio e nas exportações do Gás.

Num futuro previsível, Moscovo e Teerão necessitarão um do outro para atingirem os seus objetivos mais amplos, mesmo reconhecendo que a cooperação tem claros limites. A compreensão dos seus limites pode tornar a relação sustentável e moderadamente bem-sucedida, apesar de uma história sórdida (para os iranianos) e da profunda e

³⁰ Desde essa intervenção, Moscovo tem coordenado as operações com Damasco e Teerão bem como com o Iraque. A Rússia obteve permissão do Irão e Iraque para utilizar o espaço aéreo para os ataques aéreos.



persistente desconfiança. Com Rouhani e Putin têm-se dado importantes passos no fortalecimento da cooperação bilateral, nomeadamente com a implementação de importantes projetos, incluindo o lançamento do segundo bloco de Bushehr e da termoelétrica em Bandar Abbas como exemplos de novos vínculos entre ambos ((IRNA), 2017). De sublinhar que a central nuclear de Bushehr produz energia elétrica com total capacidade.

No contexto económico, o grande desafio para Moscovo é gerir as relações com o Irão xiita, ao mesmo tempo que aprofunda o diálogo com a Arábia Saudita (Trenin, 2016). Na verdade, a boa gestão das relações com os principais produtores de petróleo é importante para o desenvolvimento económico russo. Mas, a excelente linha de comunicação com Tel Aviv, a boa relação com o Cairo e Riade e o relacionamento com os Curdos testam constantemente a diplomacia russa e o equilíbrio de poderes.

Considerações finais

A santificação do grande *status* de poder da Rússia e a preferência declarada por uma ordem mundial multipolar tem sido uma constante. Houve uma clara mudança na postura política e retórica de Putin, adotando um tom mais ideológico, mais conservador e nacionalista com o início do terceiro mandato. Com a crise da Ucrânia e as suas consequências, salientam-se as alterações na política externa russa denotando um claro afastamento relativamente ao Ocidente e a busca de novos aliados e parceiros, maioritariamente no Médio Oriente e Norte de África, onde pudesse desafiar de modo mais efetivo o domínio ocidental e evitar o estancamento económico bem como a estabilidade do Regime.

As recentes iniciativas diplomáticas de Putin, reunindo-se com todos os líderes do Médio Oriente relativamente à Síria, significam que ele quer evitar os custos dos conflitos contínuos e maiores riscos securitários para a Rússia. Para Waltz, é claro que os Estados buscam, sobretudo, maximizar a sua segurança. A diplomacia ativa na Síria serve para fortalecer a sua imagem doméstica antes das Presidenciais russas de 2018. Segundo Katz, a maratona diplomática pode ser sinal do receio de Putin de que, se o conflito sírio continua e a situação regional piora, a capacidade russa para controlar a situação, e, a imagem da Rússia como grande potência, deteriorar-se-á.

As relações de Moscovo com Ancara e Teerão têm-se reforçado com os acordos energéticos e a cooperação em contraterrorismo, apesar das divergências. O Irão e a Turquia, podendo ter condições para uma aproximação entre si se Ancara procurar um novo curso de colisão com Israel [partidário pleno da independência curda], Teerão aproximar-se-á ainda mais de Ancara, permanecerão limitados na capacidade de atuação conjunta no Médio Oriente, além da comum postura anti Israel e anti curda. Moscovo procura apresentar-se aos Países do Médio Oriente como um jogador pragmático, não ideológico, confiável, experiente e sensato, capaz de avaliar os assuntos regionais por meios diplomáticos e militares e, também, adotando uma postura ambígua. Estreitou os laços económicos com o Curdistão Iraquiano (Acordo da *Rosneft*) e os Curdos Sírios, pretendendo projetar uma imagem de grande poder ali. A instabilidade do Iraque, o conflito sírio e o colapso físico do *Daesh* apresentam novos desafios, mas também novas oportunidades aos Curdos.



O que é intrigante são as potenciais contradições destas "pontes" que Moscovo tem estabelecido no caleidoscópio geopolítico do Médio Oriente, algumas delas representando um "diálogo escondido" com Washington que devem deixar Teerão e Ancara muito desconfiados e, também, o facto dos aliados e adversários mudarem constantemente...

Referências bibliográficas

- (IRNA), I. R. N. A., 2017. *Rouhani, Putin founders of flourishing Tehran-Moscow ties: Russian expert*. [Online]
Available at: <http://www.irna.ir/en/News/82516449/>
[Acedido em 5 maio 2017].
- (RFE/RL), R. F. E. R. L., 2017. *Putin Cancels Some Sanctions Against Turkey*. [Online]
Available at: <https://www.rferl.org/a/putin-cancels-turkey-sanctions/28520628.html>
[Acedido em 31 maio 2017].
- /RFE/RL), R. F. E. R. L., 2017. *Putin, Erdogan Hail Return To 'Normal Partner' Relations*. [Online]
Available at: <https://www.rferl.org/a/russia-turkey-putin-erdogan-meeting-sochi/28465509.html>
[Acedido em 11 maio 2017].
- Allison, R., 2008. Russia resurgent? Moscow's campaign to 'coerce Georgia to peace'. *International Affairs*, Volume 84, pp. 1145-1171.
- Allison, R., 2014. Russian 'deniable' intervention in Ukraine: how and why Russia broke the rules. *International Affairs*, Volume 90, pp. 1255-1297.
- Azizi, H., 2017. *Kurdish referendum tests Iran-Turkey-Russia axis*. [Online]
Available at: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2017/10/iraq-krq-referendum-kurdistan-iran-turkey-reaction-order.html>
[Acedido em 9 janeiro 2018].
- Baev, P. & Kirişci, K., 2017. *An ambiguous partnership: The serpentine trajectory of Turkish-Russian relations in the era of Erdogan and Putin*. [Online]
Available at: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2017/09/pavel-and-kirisci-turkey-and-russia.pdf>
[Acedido em 9 dezembro 2017].
- Barmin, Y., 2017. *Kurdish referendum a double-edged sword for Russia*. [Online]
Available at: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2017/09/iraq-kurdistan-referendum-double-edged-sword-russia-baghdad.html>
[Acedido em 8 janeiro 2018].
- Barrinha, A., 2014. Relações Rússia-Turquia: da rivalidade à parceria estratégica. Em: *A Política Externa Russa e o Espaço Euro-Atlântico: dinâmicas de cooperação e competição num espaço alargado*. Coimbra : Imprensa da Universidade , pp. 253-271.
- Barrinha, A., 2015. Turquia . Em: *Política Externa. As Relações Internacionais em Mudança* . Coimbra: Imprensa da Universidade , pp. 464-492.
- Berman, I., 2016. Russia's Risky Syria Strategy. *Journal of International Affairs*.



- Borshchevskaya, A., 2015. *How Russia Views the Iran Nuclear Talks*. [Online]
Available at: <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/how-russia-views-the-iran-nuclear-talks>
[Acedido em 30 dezembro 2017].
- Burchill, S. et al., 2013. *Theories of International Relations*. 5ª ed. Basingstoke: Palgrave MacMillan.
- Çandar, C., 2017. *Turkey squeezed between American hammer, Russian anvil on Syrian stage*. [Online]
Available at: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2017/11/turkey-usa-russia-ankara-squeezed-between-super-powers.html>
[Acedido em 7 dezembro 2017].
- Chulkovskaya, Y., 2017. *Two years after jet crisis, do Russians really trust Turkey?*. [Online]
Available at: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2017/12/russia-jet-crisis-syria-trust-turkey.html>
[Acedido em 7 dezembro 2017].
- EIA, 2013. *Caspian Sea*, s.l.: s.n.
- Freire, M. R., 2011. *A Rússia de Putin. Vetores estruturantes de política externa*. Coimbra: Almedina.
- Freire, M. R., 2014. A evolução da política externa da Rússia. Em: *A Política Externa Russa no Espaço Euro-Atlântico: Dinâmicas de cooperação e competição num espaço alargado*. Coimbra : Imprensa da Universidade , pp. 29-55.
- Freire, M. R., 2015. Federação da Rússia . Em: *Política Externa: As Relações Internacionais em Mudança* . Coimbra : Imprensa da Universidade , pp. 149-169.
- Freire, M. R., s.d. A política externa russa e a Primavera Árabe: ambivalência num contexto em mudança. *Ciência e Cultura*, Volume 64, pp. 38-42.
- Freire, M. R. & Simão, L., 2014. A Rússia e o Cáucaso do Sul: das relações neocoloniais ao realpolitik no 'estrangeiro próximo'. Em: *A Política Externa Russa e o Espaço Euro-Atlântico: Dinâmicas de cooperação e competição num espaço alargado*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 84-111.
- Freire, M. R. & Vinha, L. d., 2015. Política externa: modelos, atores e dinâmicas. Em: *Política Externa. As Relações Internacionais em Mudança*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 15-61.
- Jaffe, A. M., 2017. *Unraveling the Oil Geopolitics Intertwined in the Kurdish Independence Referendum*. [Online]
Available at: https://www.cfr.org/blog/unraveling-oil-geopolitics-intertwined-kurdish-independence-referendum?utm_medium=social_share&utm_source=emailfwd
[Acedido em 8 janeiro 2018].
- Katz, M. N., 2016. *Russian-Iranian Relations after the Iranian Nuclear Accord*. [Online]
Available at: <https://projects.iq.harvard.edu/iranproject/blog/russian-iranian-relations-after-iranian-nuclear-accord>
[Acedido em 2017 dezembro 2017].



Kozhanov, N., 2015. *Understanding the Revitalization of Russian-Iranian Relations*. [Online]

Available at: <http://carnegie.ru/2015/05/05/understanding-revitalization-of-russian-iranian-relations-pub-59983>

Lecha, E. S. i., 2017. *CIDOB*. [Online]

Available at:

https://www.cidob.org/en/publications/publication_series/notes_internacionais/n1_169/liquid_alliances_in_the_middle_east

Light, M. & Cadier, D. edits., 2015. *Russia's Foreign Policy. Ideas, Domestic Politics and External Relations*. 1ª ed. Basingstoke: Palgrave MacMillan.

Lund, A., 2016. *Russian Middle East Policy After Syria: An Interview with Nikolay Kozhanov*. [Online]

Available at: <http://carnegie-mec.org/diwan/63942?lang=en>

[Acedido em 29 abril 2017].

Marques, A. R. S., 2016. *A relação russo-iraniana (2004-2016): que implicações da crise da Ucrânia?*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Milhazes, J., 2017. Ucrânia: guerra sem fim à vista ou mais um conflito. *A comunicação mundializada*, Issue conjuntura internacional , pp. 24-25.

Pannier, B., 2017. *Russia Says Caspian Legal Status Resolved, Agreement Ready For Signing*. [Online]

Available at: <https://www.rferl.org/a/qishloq-ovozi-caspian-status-resolved-russia-says/28903729.html>

[Acedido em 9 dezembro 2017].

Pinto, A. S., 2015. Arábia Saudita . Em: *Política Externa: As Relações Internacionais em Mudança* . Coimbra : Imprensa da Universidade , pp. 99-120.

Reis, B. C., 2016. Realismo, ainda a teoria dominante?. Em: R. Duque, D. Noivo & T. d. A. e. Silva, edits. *Segurança Contemporânea*. s.l.:PACTOR, pp. 3-22.

ru, K., 2016. *Vladimir Putin's annual news conference*. [Online]

Available at: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/53573>

[Acedido em 5 maio 2017].

ru, K., 2017. *Executive Order abolishing several special economic measures against Turkey*. [Online]

Available at: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/copy/54640>

[Acedido em 31 maio 2017].

ru, K., 2017. *Press statements following Russia-Turkey talks*. [Online]

Available at: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/56066>

[Acedido em 7 dezembro 2017].

ru, K., s.d. *Telephone conversation with President of Iran Hassan Rouhani. In Presidente da Rússia..* [Online]

Available at: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/54602>

[Acedido em 31 maio 2017].

Rusia, M. d. A. E. d. I. F. d., 2016. *Concepción de la política exterior de la Federación de Rusia (aprobada por el presidente ruso, Vladímir Putin, el 30 de noviembre de*



2016). *Federação da Rússia (novembro de 2016)*. [Online]

Available at: http://www.mid.ru/es/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptICk6BZ29/content/id/2542248

Sakwa, R., 2014. *Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands*. London: I. B. Tauris.

Sazhin, V., 2016. *Iran-Russia Strategic Partnership at the New Stage: What Could We Propose to Each Other?*. Moscovo: Russian International Affairs Council (RIAC).

Simão, L., 2015. República Islâmica do Irão . Em: *Política Externa: As Relações Internacionais em Mudança* . Coimbra: Imprensa da Universidade , pp. 313-338.

Sousa, F. d. & Mendes, P., 2014. *Dicionário de Relações Internacionais*. 3ª ed. Porto : Edições Afrontamento/Centro de Estudos da População e da Sociedade .

Tank, P., 2016. *Turkey's Turn Toward Russia*. In *Carnegie Endowment for International Peace*. [Online]

Available at: <http://carnegieendowment.org/sada/69981>

[Acedido em 26 julho 2017].

Taussig, T., 2017. *The serpentine trajectory of Turkish-Russian relations*. [Online]

Available at: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2017/10/04/the-serpentine-trajectory-of-turkish-russian-relations/>

[Acedido em 9 dezembro 2017].

Taussig, T. & Ryan, F. b. K., 2016. *Midnight in Moscow*. [Online]

Available at: <https://www.belfercenter.org/publication/midnight-moscow>

Trenin, D., 2009. *Russia's Spheres of Interest, not Influence*. [Online]

Available at: <http://carnegie.ru/2009/09/22/russia-s-spheres-of-interest-not-influence-pub-23863>

[Acedido em 30 dezembro 2017].

Trenin, D., 2014. *The Ukraine Crisis and the resumption of great-power rivalry*. s.l.:s.n.

Trenin, D., 2016 . *Russia and Iran: Historic Mistrust and Contemporary Partnership*.

[Online]

Available at: <http://carnegie.ru/2016/08/18/russia-and-iran-historic-mistrust-and-contemporary-partnership-pub-64365>

Trenin, D., 2016. A Five-Year Outlook for Russian Foreign Policy: Demands, Drivers, and Influences. *Task Force on U.S. Policy Toward Russia, Ukraine and Eurasia* , pp. 1-6

.

Trenin, D., 2017. *Putin's Plan for Syria*. [Online]

Available at: <http://carnegie.ru/2017/12/13/putin-s-plan-for-syria-pub-75001>

[Acedido em 23 dezembro 2017].

Tsygankov, A., 2016. *Russia's foreign policy: change and continuity in national identity*. 4ª ed. Lanham: Rowman & Littlefield.

Waltz, K. N., 1979. *Theory of International Politics*. Reading : Addison-Wesley Pub.